

BEM-ESTAR FELINO EM AMBIENTE HOSPITALAR

REVISÃO DE LITERATURA

Ruan de Castro Borges¹, Laís Araújo Iizuka Cordeiro², Beatriz Holanda dos Santos³

Resumo: A espécie felina apresenta características próprias que exigem compreensão específica de seu comportamento e das diferenças individuais entre os animais. O crescente interesse pelo estudo dos gatos decorre da necessidade de oferecer um atendimento veterinário adequado, capaz de reconhecê-los como indivíduos singulares. Esta revisão de literatura teve como objetivo explorar aspectos do paciente felino, desde sua origem ancestral e particularidades sensoriais — visão, audição, olfato e tato — até a manifestação de comportamentos associados ao estresse, medo e ansiedade. Além disso, buscou-se reunir práticas reconhecidas como “amigas do gato”, voltadas à redução de fatores estressantes e à promoção da saúde física e mental. Conclui-se que ainda é necessário ampliar o conhecimento e o aprimoramento das abordagens direcionadas às demandas específicas dessa espécie no ambiente veterinário, favorecendo a qualidade da relação entre paciente e médico veterinário.

Palavras-chave: Felinos; comportamento; bem-estar animal; medicina veterinária; manejo.

Abstract: The feline species presents unique characteristics that require specific understanding of its behavior and individual differences. The growing interest in studying cats arises from the need to provide appropriate veterinary care that recognizes them as singular individuals. This literature review aimed to explore aspects of the feline patient, from its ancestral origin and sensory particularities—vision, hearing, smell, and touch—to the expression of behaviors associated with stress, fear, and anxiety. Furthermore, it sought to compile recognized “cat-friendly” practices designed to reduce stressful factors and promote both physical and mental health. It is concluded that continuous knowledge expansion and improvement of approaches directed to the specific needs of this species in the veterinary environment are still necessary, contributing to the quality of the relationship between patient and veterinarian.

Palavras-chave: Felines; behavior; animal welfare; veterinary medicine; handling.

¹ Graduando do Curso de Medicina Veterinária, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: ruan.c.borges@gmail.com

² Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: lais.cordeiro@medvet.uniceplac.edu.br

³ Médica Veterinária, sócia e proprietária da Clínica Nivelles Medicina Felina. E-mail: beatrizholanda259@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A população de gatos tem apresentado crescimento contínuo em diferentes regiões do mundo. Em países como Estados Unidos, Canadá e no norte da Europa, o felino já se consolidou como o animal de estimação mais popular (RAMOS et al., 2020). Entretanto, apesar dos avanços alcançados na clínica e na cirurgia veterinária, ainda persiste uma lacuna no entendimento da natureza e do comportamento felino, tanto por parte de médicos veterinários quanto de tutores. Essa limitação compromete a identificação e o atendimento das necessidades específicas da espécie em ambientes clínicos, desde o transporte até o retorno ao domicílio. Consequentemente, observa-se maior dificuldade na condução das consultas, no manejo adequado do paciente e na definição da conduta clínica (RODAN et al., 2011).

O estresse e a ansiedade decorrentes do transporte, assim como experiências negativas anteriores no ambiente hospitalar, configuram importantes barreiras ao acesso dos gatos aos cuidados veterinários. Atualmente, reconhece-se que tais fatores podem ser minimizados, ou até eliminados, mediante a adoção de práticas de manejo apropriadas (BUFFINGTON, C. A. T; BAIN, M., 2020). Nesse contexto, a abordagem denominada “amiga do gato” inclui tanto interações físicas quanto não físicas. Estas últimas abrangem estímulos visuais, sensoriais, auditivos e olfativos, cujo impacto deve ser atenuado para reduzir a resposta de estresse. Além disso, a capacidade de interpretar corretamente os estados emocionais do paciente e proporcionar sensação de autonomia e controle constitui aspecto fundamental para a promoção do bem-estar felino (BUFFINGTON, C. A. T; BAIN, M., 2020).

Torna-se, portanto, necessária a educação contínua de médicos veterinários e suas equipes, de modo a capacitá-los para reconhecer e atender às demandas particulares dessa espécie. Da mesma forma, é imprescindível orientar tutores sobre estratégias de manejo que auxiliem na redução do estresse, contribuindo para experiências clínicas mais positivas e para a melhoria da relação entre paciente, tutor e médico veterinário (TAYLOR, S., et al., 2022).

2. REVISÃO DE LITERATURA

Os primeiros ancestrais da família Felidae surgiram há cerca de 45 milhões de anos, sendo que o gato doméstico (*Felis catus*) descende do *Felis lybica*, conhecido como gato-selvagem-africano (RODAN, I., 2016). Segundo Beaver (2003), os carnívoros daquela época compartilhavam um ancestral comum que habitava ambientes florestais, pertencente à família

Miacidae, do qual derivou posteriormente o gênero *Dinictis*, considerado uma das primeiras subdivisões precursoras dos felinos.

Embora seja amplamente aceito que a domesticação dos gatos tenha ocorrido no Antigo Egito, evidências arqueológicas sugerem que a relação entre humanos e felinos remonta a mais de 9.500 anos no Oriente Médio (VIDNE et al., 2004). Essa proximidade inicial pode ter se consolidado pela utilidade dos gatos como controladores naturais de roedores, sendo incentivados a permanecer próximos aos assentamentos humanos, onde recebiam alimento e oportunidades de caça (ATKINSON, T., 2018).

Nesse sentido, teorizou-se que os gatos poderiam ter passado por um processo de “auto-domesticação”, estabelecendo associações cada vez mais próximas com os humanos e garantindo melhores condições de sobrevivência (ATKINSON, T., 2018). Beaver (2003) já havia destacado essa característica ao observar que, mesmo domesticados, os gatos ainda são capazes de resgatar padrões de comportamento ancestral em determinadas situações.

2.1 O gato como indivíduo e espécie

Os gatos são animais sociais, mas apresentam padrões comportamentais distintos daqueles observados em humanos e cães (RODAN, I., 2016). De acordo com Rodan et al. (2022), tratam-se de sobreviventes solitários e territoriais que necessitam de senso de segurança, controle, escolha e familiaridade em seus ambientes físico e social. A sociabilidade individual de cada gato é modulada por múltiplos fatores, como a herança genética, o comportamento social dos progenitores em relação aos humanos, a condição de saúde da fêmea gestante e as experiências vivenciadas antes, durante e após a gestação (RODAN, I., et al., 2022).

Segundo McCune (1995), o período entre a 2ª e a 9ª semana de vida é crítico para a formação do comportamento felino. A ausência de exposição adequada a pessoas nesse intervalo representa um fator de risco para o desenvolvimento de medo excessivo e maior resistência durante interações futuras, inclusive em consultas veterinárias. Nessas situações, uma única experiência negativa pode ser suficiente para tornar o animal cauteloso ou até reativo frente ao contato humano.

Ainda conforme Rodan et al. (2022), o manuseio clínico deve respeitar os padrões comportamentais da espécie, sendo necessário considerar todas as interações sob a perspectiva do próprio gato. Intervenções inadequadas durante uma consulta, como contenção incorreta ou

a indução de dor e medo, podem resultar em experiências adversas que condicionam reações negativas em visitas subsequentes.

2.2 Os sentidos do gato

Atkinson (2018), cita que as habilidades sensoriais felinas, que não mudaram de seus ancestrais selvagens, permitem que eles vejam, ouçam e cheirem coisas de maneiras diferentes dos humanos. Para Rodan et al. (2022), usando seus sentidos bem desenvolvidos, os gatos podem detectar informações sobre as pessoas antes de qualquer manipulação começar e isso pode afetar seu estado emocional e a qualidade das interações físicas.

Para Bradshaw (2018), a realidade biológica é que as impressões subjetivas dos ambientes diferem entre os humanos e felinos na maneira que as informações são coletadas pelos órgãos dos sentidos, em como elas são integradas e filtradas pelo cérebro e nas reações emocionais que são desencadeadas.

Rodan et al. (2022), enfatiza que compreender e responder corretamente aos estados emocionais dos gatos, de forma a fornecer uma sensação de controle por meio de cuidados cooperativos são fundamentais.

2.2.1.1 Audição

Segundo Ley e Seksel (2016), cada orelha de um gato pode se movimentar independentemente da outra, girando quase 180 graus e conferindo um som circundante. Elas atuam coletando e afunilando sons para o canal auditivo. Heffner e Heffner (1985), elucidam que gatos possuem uma das mais amplas faixas de audição entre os mamíferos, estendendo-se de 48 Hz a 85 kHz.

Para Rodan (2016), a audição dos gatos é cerca de quatro vezes mais aguda do que a dos seres humanos e, devido a audição sensível, sinais sonoros em um ambiente hospitalar, como de equipamentos eletrônicos e as próprias vozes humanas, são fontes de estresse, o que significa que a área circundante deve ficar quieta e toda a vocalização deve ser suave e lenta.

2.2.1.2 Visão

Rodan (2016), cita que os gatos enxergam bem com pouca luz e são sensíveis a movimento. Consequentemente, movimentos rápidos, principalmente quando inesperados,

podem acentuar as respostas do gato, levando o paciente a se mostrar mais reativo. Muitos gatos respondem positivamente quando diminuído o olhar em sua direção.

De acordo com Bradshaw et al. (2012), informações sensoriais sobre a distância e o ângulo dos objeto são enviadas para os músculos ciliares dos olhos dos felinos, que executam a sacada ocular e, caso o objeto se mova de maneira inesperada, novas sacadas são realizadas. Essa imagem corretiva pode ocorrer cerca de 60 vezes por segundo, pelo menos duas vezes mais rápido do que os seres humanos são capazes.

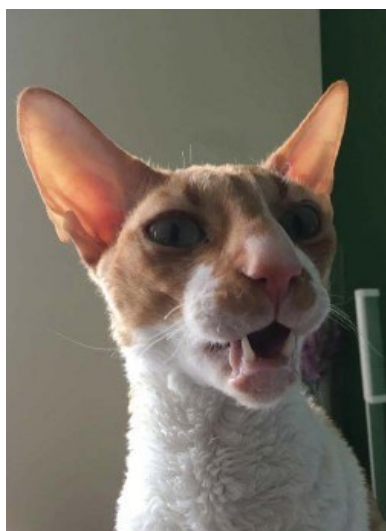
2.2.1.3 Olfato

Segundo Rodan (2016), os gatos apresentam de 5 a 10 vezes mais epitélio olfatório que os seres humanos, resultando em um excelente sentido. São animais sensíveis a estímulos olfativos, perfumes fortes e outros cheiros aversivos, como o cheiro de outros animais.

Ley (2016), cita que as células receptoras olfatórias, que compõe o epitélio olfatório têm uma conexão neural direta com o bulbo olfatório no cérebro e, enquanto nos humanos esse epitélio cobre uma área de cerca de 2 a 5 cm² e contém cerca de 5 milhões de receptores, nos gatos o epitélio olfatório cobre uma superfície de aproximadamente 20 a 40 cm², contendo cerca de 200 milhões de receptores. Para Bradshaw et al. (2012), os gatos possuem receptores de centenas de tipos diferentes, permitindo a distinção entre um vasto número de odores diferentes.

Para Bradshaw (2018), além de seus narizes serem cerca de mil vezes mais sensíveis que os nossos, os gatos possuem um segundo sistema de detecção olfativa, o órgão vomeronasal, que se situa entre o palato duro e as narinas e atua como uma espécie de meio-termo entre o olfato e o paladar, detectando principalmente substâncias químicas que se dissolveram na saliva quando o gato abre a boca na expressão conhecida como “Flehmen” (Figura 1).

Figura 1 - A 'resposta de Flehmen', ativando o órgão vomeronasal.



Fonte: Atkinson, 2018.

2.2.1.4 Toque Físico

Segundo Atkinson (2018), as vibrissas são pelos espessos inseridos cerca de três vezes mais na pele do que pelos normais, onde uma ampla quantidade de mecanorreceptores e neurônios sensoriais responsivos à pressão ou distorção, são encontrados, tornando-os sensíveis a ponto de detectar correntes de ar. Para Ley e Seksel(2016), os gatos direcionam as vibrissas para trás quando relaxados e as abrem ao caminhar ou mostrar interesse em algo.

Para Bradshaw et al. (2012), os gatos combinam informações visuais com informações sensoriais de suas vibrissas e assim são capazes de obter uma melhor imagem geral de seus arredores e posição em relação aos objetos próximos.

Atkinson (2018), cita que as patas dos gatos também desempenham um papel importante, já que são utilizadas para explorar e investigar objetos e espaços através do toque físico. Possuem uma alta densidade de mecanorreceptores dentro e entre os coxins, sendo esses mecanorreceptores especializados conhecidos como corpúsculos de Pacini ou lamelares, que permitem que os gatos detectem vibrações.

Em resumo, diversos agentes de estresse com origem em estímulos auditivos, visuais, olfatórios e táteis ocorrem tipicamente no hospital veterinário. O estresse acumulado que se origina desses estímulos pode ser maior que o somatório do estresse a partir dos componentes individuais (RODAN, 2016, p. 28).

2.2.1.5 Comunicação e sinalização visual

Para Ley e Seksel (2016), os gatos se comunicam usando o corpo. A forma do corpo, a

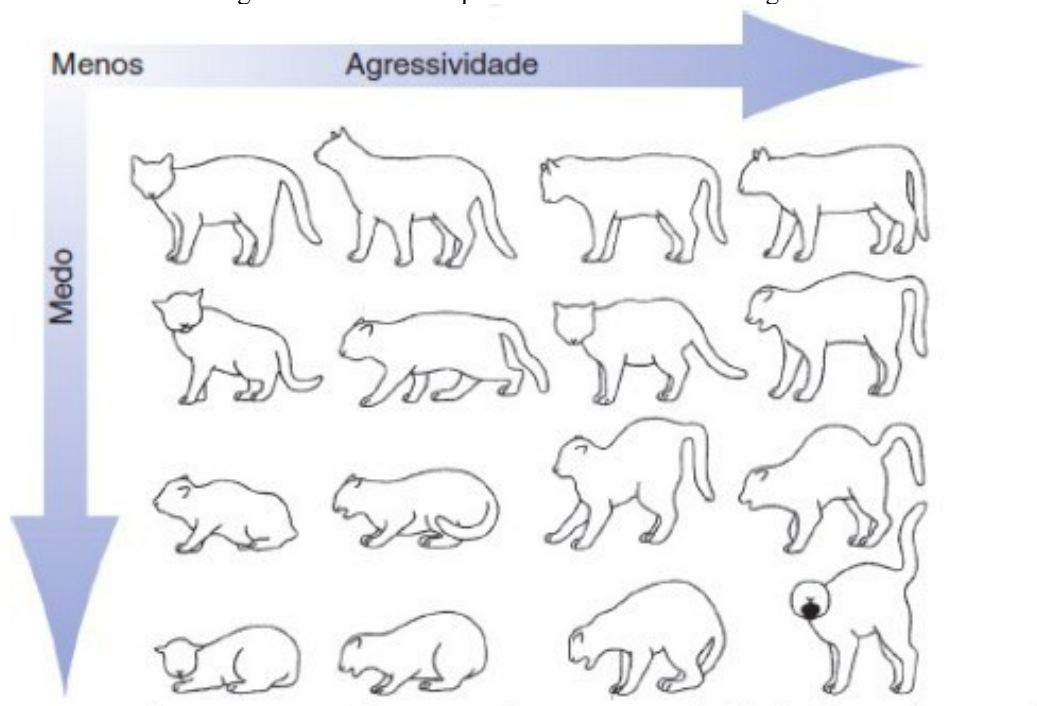
posição das orelhas, as pupilas e a apresentação da cauda transmitem mensagens importantes.

Segundo Atkinson (2018), os gatos não possuem um repertório de sinalização visual muito complexo. Isso se deve em parte à musculatura e às limitações físicas resultantes dos movimentos faciais e a ancestralidade e estrutura social que influenciam na necessidade de sinalização visual. As sinalizações, principalmente entre gatos, podem ser definidas como aumento ou redução de distância, direcionada a indivíduos com os quais o gato deseja ou não interagir, minimizando assim o risco de confronto ao não fazer contato deliberadamente.

Ley e Seksel (2016), citam que um gato interessado posiciona suas orelhas giradas para frente, direcionam sua visão para a pessoa ou objeto de interesse e mantém a cauda elevada ou horizontal.

Atkinson (2018), elucida que um gato que se sente ameaçado apresenta piloereção e se levanta até sua altura total, posicionando suas orelhas para trás, enquanto um gato defensivo geralmente adota uma postura de esquiva e tende a aproximar o corpo do chão, encolhendo as orelhas e a pelagem, para presumivelmente, parecer o menos ameaçador possível (Figura 2).

Figura 2 – Posturas corporais associadas a medo e agressividade.



Fonte: Rodan, 2016.

2.3 Comportamento no ambiente hospitalar

Segundo Rodan (2016), o medo é a principal causa de agressividade e comportamento inadequado em ambientes hospitalares, sendo que a ansiedade também pode ser um fator importante.

Para De Rivera et al. (2017), o medo e ansiedade são estados emocionais negativos que auxiliam o indivíduo a se proteger de danos. O medo é um estado de alarme ou agitação que está ligado a um estímulo precipitante e a ansiedade, em contrapartida, é um estado que carece de um evento desencadeador particular.

Rodan (2016), cita que estes estados emocionais ocorrem com frequência em ambientes não familiares, já que gatos se sentem mais confortáveis quando possuem alguma sensação de controle. Outras causas comuns de agressividade em ambientes veterinários são a dor, memória de uma experiência negativa, contenção forçada, ruídos altos, odores desagradáveis, movimentos rápidos, ansiedade do proprietário e punição física.

Segundo De Rivera et al. (2017), sinais de medo e ansiedade incluem ativação autonômica e comportamentos como agressão, se esconder, fugir e “congelar”. Mesmo que as duas emoções sejam separadas, elas podem coexistir em um indivíduo a qualquer momento.

Cannon e Rodan (2016), elucidam que o estado de medo, a ansiedade e o estresse podem ainda refletir em parâmetros fisiológicos alterados, como frequência cardíaca, frequência respiratória, pressão sanguínea e ainda resultados de glicemia, lactato e cortisol.

Panksepp (1998), cita que as respostas de um gato são diretamente relacionadas ao indivíduo, suas experiências anteriores e atuais e o contexto em que estão inseridos.

2.4 Práticas *cat-friendly* no ambiente veterinário

Bessant et al. (2022), cita que o bem-estar felino é a abrangência de igual maneira da saúde física e mental do gato como indivíduo.

Ainda para Bessant et al. (2022), em 1958 a saúde e bem-estar dos gatos começou a receber mais atenção após a fundação da International Cat Care. A base desse trabalho ao longo dos anos se consolidou em uma sequência de pensamentos e comportamentos que hoje recebem o nome de “princípios *cat-friendly*”, sendo estes destinados diretamente aos gatos e também a forma de se trabalhar com eles.

Para Rodan et al. (2022), interações amigáveis com gatos envolvem respeitar a saúde emocional e cognitiva durante toda a visita veterinária, desde antes de sair da casa do paciente, até trabalhar de forma cooperativa no ambiente veterinário, aumentando a segurança das pessoas envolvidas por minimizar o impacto do medo e de outras emoções negativas ou

protetivas.

Bessant et al. (2022), traz o respeito ao gato como indivíduo, a igual consideração ao bem-estar físico e mental, a garantia de um bom tratamento, uma boa comunicação, a colaboração e envolvimento das pessoas que estão vinculadas ao gato como os princípios *cat-friendly*.

Sparkes (2012), cita que como resultado das necessidades únicas dos gatos, foi desenvolvido o programa *Cat Friendly Practice*, pela Associação Americana de Medicina Felina que, por meio de diretrizes, incentiva a criação de ambientes veterinários preparados para receber, manejar e promover o bem-estar felino no meio hospitalar.

Caney et al. (2022), explica que as visitas ao veterinário são uma fonte de estresse não apenas para o gato, mas também para seus tutores, ou seja, abordar essas fontes de maneira eficaz minimiza o impacto e risco do tutor evitar novas idas à clínica.

Rodan et al. (2022), aponta que os eventos que precedem a consulta veterinária também são importantes, logo, a correta interação com o gato deve iniciar com a escolha da caixa de transporte e a forma de se transportar.

Segundo Rodan (2016), a equipe veterinária pode ensinar aos tutores maneiras de tornar o uso da caixa de transporte mais agradável, como mantê-la acessível ao gato, colocar objetos familiares, como brinquedos ou recompensas para incitar o gato a entrar por conta própria e recompensar o gato quando o mesmo entrar na caixa de transporte, além do uso de feromônio felino facial sintético, que também pode auxiliar na tranquilização do gato durante o transporte (figura 3).

Figura 3 – Gato relaxado utilizando a caixa de transportes que está acessível em sua casa.



Fonte: Rodan, 2022.

Para Endersby (2018), caixas de transporte devem ser feitas de material resistente e que permitam fácil entrada e saída através de portas frontais e dorsais, para gatos que não queiram sair da caixa durante o exame físico.

Segundo Rodan et al. (2022), a farmacoterapia pode diminuir significativamente o viés emocional de um gato, e apesar de não substituir modificações positivas no manejo para minimizar o estresse, ansiolíticos podem ser usados pontualmente quando indicados, em gatos ansiosos e medrosos antes da visita.

2.4.1 Sala de espera

Mazzotti e Roza (2016), pontuam que em um ambiente veterinário é importante existir uma sala de espera destinada exclusivamente a gatos, já que os mesmos possuem olfato muito desenvolvido e o odor de cães pode ser uma fonte de estresse, além do próprio contato visual.

Cannon e Rodan (2016), citam que é fundamental minimizar odores artificiais no ambiente veterinário, sendo assim, os funcionários não devem usar perfumes fortes e devem evitar o uso excessivo de purificadores de ar ou produtos de limpeza com cheiro acentuado.

Endersby (2018), enfatiza que gatos se sentem mais vulneráveis no nível do chão, logo, é fundamental haver bancos ou mesas para colocar caixas de transporte na área de espera, além de cobrir a caixa com uma toalha para que o felino se sinta protegido enquanto aguarda atendimento. Rodan (2016) cita que longas esperas aumentam o medo e a ansiedade do felino,

por isso é sempre preferível adentrar ao consultório assim que o paciente chegar no ambiente veterinário.

2.4.2 Consultório

Para Brunt (2016), assim que o felino adentrar no consultório, convém possibilitar que ele saia da caixa de transporte espontaneamente, auxiliando a diminuir a ansiedade, além disso, deve-se ter cuidado para não hiperestimular os sentidos dos pacientes, sempre realizando movimentos tranquilos e calculados para minimizar a agitação.

Griffin et al. (2020), comprovou que a ausência do tutor no momento de avaliação física do felino pode afetá-lo negativamente, provocando elevações clinicamente significativas de frequência cardíaca e comportamentos relacionados a estresse, como desvio de orelhas, curvatura da cauda, vocalização e dilatação da pupila, por isso é fundamental incluir o tutor neste momento.

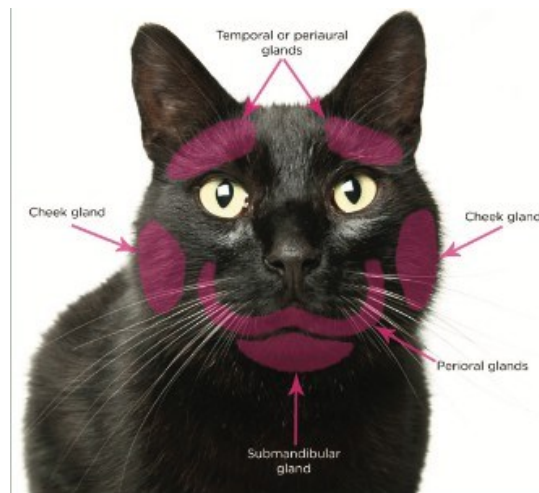
Thayer (2016), afirma que oferecer objetos familiares, como brinquedos, toalhas, ofertar guloseimas, pode fazer com que o gato se sinta mais confortável. Borrifar uma toalha ou superfícies próximas com ferormônio felino facial sintético ou colocar difusores de ferormônio no consultório também podem ajudar a reduzir o estresse.

Segundo Rodan e Cannon (2016), para obter uma avaliação precisa do gato, é conveniente observar o comportamento do felino à distância sem realizar contato visual direto, evitando que o paciente se sinta ameaçado. Para Thayer (2016), o médico veterinário deve observar cuidadosamente a forma que o gato se comporta enquanto o animal está na caixa de transporte ou solto no consultório, porquê nessa ocasião é possível detectar alterações de marcha, presença de dor e padrões respiratórios, por exemplo.

Brunt (2016), cita que no momento de avaliação física é importante respeitar o local onde o felino prefere estar, seja na caixa de transporte, no colo do tutor, no chão, ou na mesa de exame físico, que preferencialmente deve ser coberta com tapetes antiderrapantes e macios, aumentando o conforto do paciente.

Para Cannon e Rodan (2016), no primeiro contato com o gato é interessante estender a mão lentamente em sua direção e acariciar preferencialmente cabeça e pescoço no sentido do pelo, essas são áreas de glândulas faciais que produzem os feromônios usados na fricção facial, tornando os felinos mais receptivos ao toque nessas regiões, neste momento, interpretar a linguagem corporal do gato auxilia nos próximos passos (figura 4).

Figura 4 – Regiões preferidas dos gatos para toque.



Fonte: Rodan, 2022.

Segundo Rodan et al. (2022), reações protetivas são normais quando um gato sente medo, ansiedade ou frustração, por isso, no exame físico é importante evitar métodos de manuseio que tragam essas emoções.

Moody et al. (2018), afirma que, historicamente, a contenção tem sido usada para imobilizar parcial ou completamente os animais durante exames e procedimentos para prevenir lesões humanas. Hoje se sabe que a melhor contenção é a menor, já que felinos estão mais propensos a apresentar reações protetivas quando contidos desnecessariamente, tornando exames físicos incompletos, com potencial para diagnóstico e tratamento inadequados ou imprecisos.

Rodan (2016), elucida que não se deve segurar um gato pela nuca, pois isso o torna mais agitado e o deixa com medo, já que não possibilita sensação de controle para ele. Não se deve estender ou esticar o gato, e sim, posicioná-lo confortavelmente sem tracionar os membros.

Ainda para Rodan (2016), muitas técnicas de manuseio com uma toalha podem ser utilizadas, já que promovem segurança ao felino, como realizar um “rolinho” com a toalha (figura 5), cobrir a cabeça gentilmente para que se eliminem indicações visuais capazes de induzir estresse e também colocação com delicadeza de uma toalha ao redor da face ventral do pescoço e de um membro dianteiro, a fim de que se mantenha o gato enrolado, com apenas um membro anterior exposto para a colocação de cateter intravenoso ou para a coleta de sangue da veia cefálica (figura 6).

Figura 5 – Técnica do “rolinho” com toalha.



Fonte: Rodan, 2016.

Figura 6 – Técnica do isolar um membro e expor o outro para acesso venoso.



Fonte: Yin, 2009.

2.4.3 Hospitalização

Para Mazzotti e Roza (2016), deve-se evitar internações que não sejam imprescindíveis, já que gatos não gostam de ambientes não familiares que acabam por provocar a diminuição do seu senso de controle, podendo desencadear medo e estresse. Rodan (2016), elucida que os gatos hospitalizados podem ficar inativos, levando ao conceito errôneo de que o gato não está estressado, porém o alto estresse do hospital inibe comportamentos normais como comer, autocuidados, sono e eliminação de resíduos.

Endersby (2018), cita que os gatos devem ser hospitalizados em um ambiente tranquilo e confortável, sendo que uma ala de internação exclusiva para felinos faz uma real diferença no

conforto dos pacientes hospitalizados. O barulho de cães, outros gatos e equipamentos deve ser excluído o máximo possível da internação dos gatos, este deve ser um ambiente livre de ruídos.

Segundo Lloyd (2017), os gatos devem ser mantidos em baias voltadas para as paredes, para diminuir o contato visual com outros gatos. Além disso, o instinto natural do felino quando exposto a uma situação ameaçadora é recuar, e se isso não for possível, ele tentará se esconder, por isso fornecer aos gatos esconderijos, como uma caixa de papelão permite que os gatos executem esse comportamento, proporcionando assim uma sensação de controle sobre o ambiente e aliviando o estresse.

Para Endersby (2018), é importante haver espaço para que se observe os internos sem necessariamente ter que estar bem perto da gaiola e para que os gatos entrem e saiam das baias sem que eles tenham que ser mantidos diretamente na frente de outro paciente. Idealmente a mesa de exame desse ambiente não deve ficar posicionada onde o gato que nela está possa ser observado pelos outros pacientes internados.

Rodan (2016), explica que a maioria das baias das clínicas veterinárias é inadequada para gatos, já que elas devem ser grandes o suficiente para que o gato possa se alongar, lambese e se exercitar. Além disso, devem ter espaços separados para alimentação, sono e eliminação de resíduos.

Ainda para Rodan (2016), os gatos hospitalizados mostram sinais de estresse quando a rotina na internação é imprevisível e quando têm pouca interação social. As horas regulares de alimentação e limpeza são menos estressantes para os pacientes felinos.

Mazzotti e Roza (2016), citam que peças com o odor do proprietário podem reduzir estresse, assim como uso de brinquedos que o felino goste e o uso de comedouros e bebedouros adequados, com bordas baixas e que não sejam de plástico.

Para Snowden (2015), o enriquecimento auditivo é útil para reduzir níveis de estresse e, para que seja eficaz, deve conter recursos para a espécie-alvo, ou seja, músicas específicas da espécie são mais atraentes para os gatos do que a música feita para humanos. Os gatos vocalizam um oitavo acima do que as pessoas, por isso preferem música com um tom mais alto e um ritmo baseado no ronronar e no som de sucção feito durante a amamentação.

Lloyd (2017), cita que feromônios são um tipo de comunicação química usada por membros da mesma espécie e que a feromonoterapia através do uso de feromônios sintéticos como Feliway®, também pode ser utilizada em ambiente de internação para reduzir a ansiedade e facilitar a adaptação. Esses produtos podem ser pulverizados nas baias, diretamente no pessoal veterinário ou usados como difusores.

Versteg (2021), mostra em seu estudo que práticas integrativas como a cromoterapia,

musicoterapia e feromonioterapia foram eficazes na redução do estresse de acordo com a concentração de cortisol dos gatos.

2.4.4 Volta para casa

Para Rodan (2016), gatos podem ficar agitados com o retorno para a casa ou outros gatos na residência podem não aceita-lo por conta do odor que carrega consigo. Um gato agitado pode permanecer reativo durante algumas horas ou mesmo dias antes de se acalmar, é importante orientar o tutor a não manuseá-lo e não reforçar o comportamento. Caso os outros gatos não aceitem o gato que volta da clínica, mantê-lo na caixa de transportes ou em um cômodo separado até que todos os gatos se acalmem é o recomendado.

Ainda para Rodan (2016), deve-se lembrar os proprietários de ignorar sibilos e recompensar todas as interações positivas, e se a reintrodução ainda provocar problemas, o proprietário deverá esfregar o gato que ficou na moradia com uma toalha e depois esfregar o gato que voltou com a mesma toalha, a fim de transferir o odor familiar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O real entendimento de como o gato percebe seu meio e se comunica é fundamental na melhor compreensão dos sinais desses animais no ambiente veterinário. Identificar o medo e a ansiedade como razões de reações protetivas possibilita respeitar o gato e proporcionar manejo adequado a espécie.

A compreensão e trabalho calmo dentro do limiar de aceitação individual de cada gato pode melhorar e aperfeiçoar o atendimento felino, desde a ida a clínica veterinária até uma eventual internação, caso necessária.

A formação de uma equipe veterinária capacitada é o que torna possível o atendimento “amigo do gato”, uma vez que todos no ambiente hospitalar são responsáveis por conduzir o paciente felino, evitando ao máximo gerar estresse e medo.

4. CONCLUSÃO

O bem-estar felino em ambiente hospitalar depende do reconhecimento das particularidades comportamentais, sensoriais e emocionais dessa espécie. Evidenciou-se que o estresse e a ansiedade, frequentemente associados ao transporte, à sala de espera, ao consultório e à hospitalização, representam fatores determinantes para experiências negativas, que podem comprometer não apenas a saúde física, mas também o equilíbrio emocional dos gatos.

A adoção de práticas *cat-friendly*, fundamentadas no respeito ao comportamento natural da espécie e na promoção de um ambiente seguro e previsível, mostrou-se essencial para minimizar reações protetivas, reduzir a incidência de medo e favorecer a cooperação durante atendimentos clínicos e procedimentos hospitalares.

Assim, conclui-se que o manejo adequado dos pacientes felinos deve integrar estratégias ambientais, comportamentais e, quando necessário, farmacológicas, sempre direcionadas à redução do estresse. O investimento em capacitação contínua das equipes veterinárias, aliado à orientação dos tutores, constitui a base para um atendimento efetivamente humanizado e centrado no gato, fortalecendo a relação médico-veterinário-tutor e garantindo maior qualidade de vida e bem-estar aos felinos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, T. *Practical Feline Behaviour: Understanding Cat Behaviour and Improving Welfare*. 4. ed. Boston: CABI, 2018.

BESSANT, C.; DOWGRAY, N.; ELLIS, S.; TAYLOR, S.; COLLINS, S.; RYAN, L.; HALLS, V. ISFM's cat friendly principles for veterinary professionals. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, n. 11, p. 1087-1092, 2022.

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour:... and why problem behaviours develop. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, n. 5, p. 411-421, 2018.

BRADSHAW, J.; CASEY, R.; BROWN, S. *The Behaviour of the Domestic Cat*. 2. ed. Wallingford: CAB International, 2012.

BRUNT, J. Abordagem amistosa no atendimento a gatos. In: LITTLE, S. E. *O Gato – Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 51-58.

BUFFINGTON, C. A. Tony; BAIN, M. Stress and feline health. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 50, n. 4, p. 653-662, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2020.03.001>.

CANEY, S. et al. Happy cats: stress in cats and their carers associated with outpatient visits to the clinic. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, n. 12, p. 551-557, 2022. DOI: 10.1177/1098612X221121907. Acesso em: 15 jun. 2023.

CANNON, M.; RODAN, I. The cat in the consulting room. In: RODAN, I.; HEATH, S. (ed.). *Feline Behavioral Health and Welfare*. St. Louis: Elsevier, 2016. p. 118-127.

CANNON, M.; RODAN, I. The cat in the veterinary practice. In: LEY, S.; RODAN, I. *The Cat in the Veterinary Practice*. 1. ed. Riverport Lane/St. Louis: Elsevier, 2016. p. 102-111.

ENDERSBY, S. Setting up a cat friendly clinic. *The Veterinary Nurse*, v. 9, n. 6, p. 284-293, 2018.

GRIFFIN, F. et al. Evaluation of clinical examination location on stress in cats: a randomized crossover trial. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 23, n. 4, p. 364-369, 2021.

LEY, J. Feline communication. In: RODAN, I.; HEATH, S. (ed.). *Feline Behavioral Health and Welfare*. St. Louis: Elsevier, 2016. p. 24-33.

LEY, J. M.; SEKSEL, K. Comportamento normal de gatos. In: LITTLE, S. E. *O Gato – Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 256-264.

LLOYD, J. Minimising stress for patients in the veterinary hospital: why it is important and what can be done about it. *Veterinary Sciences*, v. 4, n. 2, p. 22, 2017.

MAZZOTTI, G. A.; ROZA, M. R. *Medicina Felina Essencial*. Curitiba: Editora Equalis, 2016.

MCCUNE, S. The impact of paternity and early socialisation on the development of cats' behaviour to people and novel objects. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 45, p. 109-124, 1995.

MOODY, C. et al. Can you handle it? Validating negative responses to restraint in cats. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 204, p. 94-100, 2018.

PANKSEPP, J. *Affective Neuroscience: The Foundations of Human and Animal Emotions*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1998.

RAMOS, D.; RECHE-JUNIOR, A.; HIRAI, Y.; MILLS, D. S. Feline behaviour problems in Brazil: a review of 155 referral cases. *Veterinary Record*, v. 186, n. 16, p. e9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/vr.105462>.

RODAN, I. Compreensão e manuseio amistoso dos gatos. In: LITTLE, S. E. *O Gato – Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 1-25.

RODAN, I. et al. Cat friendly veterinary interaction guidelines: approach and handling techniques. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, n. 11, p. 1093-1132, 2022.

RODAN, I.; SUNDAHL, E.; CARNEY, H.; GAGNON, A.-C.; HEATH, S.; LANDSBERG, G.; SEKSEL, K.; YIN, S.; AMERICAN ANIMAL HOSPITAL ASSOCIATION. AAFP and ISFM feline-friendly handling guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 13, n. 5, p. 364-375, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2011.03.012>.

SNOWDEN, C.; TEIE, D.; SAVAGE, M. Cats prefer species-appropriate music. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 166, p. 106-111, 2015.

SPARKES, A.; MANLEY, D. S. From small acorns & the new Cat Friendly Clinic/Cat Friendly Practice programmes. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 14, n. 3, p. 180-181, 2012.

TAYLOR, S.; ST DENIS, K.; COLLINS, S.; DOWGRAY, N.; ELLIS, S. L.; HEATH, S.; RODAN, I.; RYAN, L. 2022 ISFM/AAFP Cat Friendly Veterinary Environment Guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, n. 11, p. 1133-1163, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X221128763>.

THAYER, V. Como decifrar o gato. In: LITTLE, S. E. *O Gato – Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 59-68.

VERSTEG, N. Influência da administração prévia de gabapentina e intervenção com práticas integrativas sobre o estresse no atendimento de felinos. 2021. 95 f. Dissertação (Mestrado em Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.